

Dorian Gray e seu duplo: considerações sobre o fantástico em Oscar Wilde

Maria Ellem Souza Maciel¹ (UEPB)

Resumo:

O motivo do duplo é um dos mais fascinantes da literatura fantástica. Através dele, o leitor observa o confronto perturbador entre uma personagem e outra face de si mesma. O romance O retrato de Dorian Gray, do escritor irlandês Oscar Wilde, converge para o motivo do duplo na relação conflituosa que se estabelece entre Dorian Gray e o retrato com o qual é presenteado no auge de sua juventude. Inexplicavelmente, o modelo continua a exibir, por anos a fio, o frescor de sua adolescência, enquanto a imagem na tela passa a sofrer as consequências físicas de todos os maus atos por ele praticados ao longo da vida. O verdadeiro Dorian Gray, aquele que ninguém vê, o vilão assassino, frio e perverso que está impresso no retrato, não pode ser simplesmente ignorado pelo homem que exibe uma beleza eterna: estebelece-se, desta forma, o conflito fatal entre Dorian Gray e seu duplo. Nesse trabalho, destacaremos a presença do fantástico no citado romance, através do motivo do duplo. Para tanto, realizaremos uma pesquisa de caráter bibliográfico, em que se destacam, como aporte teórico, os estudos de Freud (1996) e Todorov (2008).

Palavras-chave: literatura fantástica, duplo, Oscar Wilde.

1 Introdução

O fantástico está presente na literatura desde os tempos mais remotos. A capacidade inventiva do ser humano permite uma integração de temas os mais absurdos na ficção criada ao longo dos séculos, seja ela difundida apenas na oralidade ou consolidada nos textos escritos que atravessaram gerações. Desta forma, desde as narrativas apocalípticas bíblicas, passando por inúmeras histórias que envolvem criaturas com poderes mágicos, até as mais impressionantes criações artísticas surgidas principalmente a partir do século XIX, aquilo a que chamamos insólito, sobrenatural, ou fantástico, como preferimos, tem lugar certo nas obras que compõem a literatura universal.

Muitos são os temas do fantástico e um dos mais fascinantes é o tema do **duplo**, uma espécie de sócia que se faz notar por uma personagem, e provoca nela reações emocionais imprevisíveis, pautadas no medo de ver a sua personalidade usurpada, de não se reconhecer como um ser autêntico e independente, capaz de assumir todo o controle sobre si mesmo.

O presente trabalho apresenta, em linhas gerais, a pesquisa realizada como trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras, com habilitação em língua inglesa, da Universidade Federal da Paraíba, orientado pela Prof^a Dr^a Ana Adelaide Peixoto Tavares. Nele, tivemos como objetivo principal a investigação da presença do duplo na obra **O retrato de Dorian Gray** ([1891] 2009), de Oscar Wilde, à luz das teorias do fantástico. Como objetivos específicos apontamos a presença do fantástico no referido romance, além da identificação e análise do tema do duplo a partir do estudo de Sigmund Freud intitulado **O “estranho”** ([1919] 1996).

Para tanto, realizaremos uma breve revisão bibliográfica sobre o papel do fantástico na literatura, e sobre o duplo, tomando como base o texto freudiano, buscando inseri-lo numa categoria mais ampla de estudos sobre os temas do fantástico. Em seguida, passaremos à análise do duplo em **O retrato de Dorian Gray**.

Importante destacar que, durante os estudos realizados para o desenvolvimento do referido trabalho, tivemos acesso a três traduções diferentes de **O retrato de Dorian Gray** publicadas no

Brasil. Escolhemos utilizar, nas citações, a tradução de João do Rio para o romance, pela importância que teve na difusão da obra de Oscar Wilde no Brasil, ainda no início do século XX, e pela credibilidade de que desfruta por sua própria produção literária, na qual também são encontrados elementos do fantástico, além de ser uma tradução que contempla o texto integral do romance em questão.

2 Literatura fantástica: breves considerações teóricas

Ao longo do século XX, muitos estudiosos da literatura dedicaram-se ao estudo de um tipo de manifestação literária da qual já se encontram vestígios em textos muito antigos, mas que ficou em evidência no século XIX: a literatura fantástica.

O romancista e antologista brasileiro Flávio Moreira da Costa faz uma reunião de textos com temáticas do fantástico no livro intitulado **Os melhores contos fantásticos** (2006). A referida antologia traz exemplos de textos bíblicos, passando por clássicos orientais, até chegar aos textos do século XIX que começaram a delinear aquilo que hoje chamamos de **literatura fantástica**, mas ainda sem consenso quanto a uma definição conceitual.

Essa falta de consenso quanto à determinação de um conceito único é fruto da riqueza de temas que constituem esse tipo de literatura. Nas narrativas do século XVIII e XIX costumavam predominar representações do sobrenatural através de fantasmas, seres de mundos mágicos, ou narrativas com características oníricas, dentre muitos outros exemplos. A partir de Kafka, no início do século XX, surgiu um fantástico que tem lugar no cotidiano, pautado nas relações do homem consigo e com o mundo que o cerca, tipo de narrativa que vem ganhando cada vez mais espaço na produção literária contemporânea.

Dentre os estudiosos que se dedicaram ao estudo da literatura fantástica está Tzvetan Todorov, historiador e ensaísta búlgaro que é autor de uma das obras mais importantes para a compreensão do tema: **Introdução à literatura fantástica** (2008). Nele, Todorov buscou delimitar as extensões do fantástico enquanto gênero literário, a partir de uma análise acurada de textos com temáticas sobrenaturais publicados ao longo do século XIX, tendo estabelecido critérios de identificação do fantástico na literatura, confrontado com aquilo que chama de **estranho** e **maravilhoso**, além de distinções temáticas e considerações sobre o fantástico para o século XX.

A primeira condição do fantástico, segundo Todorov (2008), é o aparecimento de um evento sobrenatural, inexplicável pelas leis do nosso mundo real, que causa, na personagem e no leitor, um efeito paralisante, uma tensão capaz de colocar em prova a sua materialidade. Para o teórico, destacam-se duas soluções possíveis: ou se trata de um acontecimento ilusório, não afetando as leis de nosso mundo real e, neste caso, estaríamos no terreno do estranho; ou se trata de um acontecimento banal, que se apresenta como parte integrante da realidade proposta na narrativa – a qual pode parecer absurda, mas ser verossímil segundo suas intenções – e, neste caso, estaríamos sob a senda do maravilhoso. O fantástico, para Todorov, encontra-se no limiar entre uma e outra possibilidade de interpretação, no momento exato da dúvida causada na personagem e/ou no leitor. Ao justificarmos o evento sobrenatural com uma ou outra das interpretações possíveis, desta forma, estaríamos deixando de lado o fantástico, e optando por uma solução que o desintegraria enquanto efeito literário. Como cita Todorov:

O fantástico ocorre nessa incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 2008, p.31)

Assim como em Todorov, no ensaio **Do sentimento do fantástico**, de Julio Cortázar, parte da obra **Valise de cronopio** ([1962] 2008), encontramos referência ao tipo de efeito que o evento sobrenatural provoca no leitor, como um dos elementos constituintes do fantástico. Para o escritor e

ensaísta argentino, “[...] o verdadeiramente fantástico não reside tanto nas estreitas circunstâncias narradas, mas na sua ressonância de pulsação, de palpitar surpreendente de um coração alheio ao nosso[...]” (CORTAZAR, 2008, p.179).

O leitor parece se sentir desafiado pelo evento sobrenatural com o qual se depara no texto. A tensão provocada constitui-se, desta forma, em elemento determinante para se estabelecer os critérios de diferenciação dos acontecimentos fantásticos, em face de outros acontecimentos banais que surgem como parte de uma realidade aceitável e passível de verificação fora do texto literário.

3 O duplo como tema do fantástico

A temática do duplo é recorrente nas obras que compõem a literatura universal. Como exemplo, entre os que se dedicaram à abordagem do tema, podemos citar Edgar Allan Poe, no conto **William Wilson**, Dostoievski, no romance **O duplo**, Robert Louis Stevenson, com **O médico e o monstro**, sua obra mais famosa, e José Saramago, no romance **O homem duplicado**.

Além dessas obras, o tema do duplo também aparece no romance **O retrato de Dorian Gray**, do escritor irlandês Oscar Wilde, objeto de estudo do presente trabalho, e sobre o qual trataremos mais adiante.

Mas, afinal, como se constitui o **duplo** na literatura?

A presença do duplo num texto literário pode assumir formas as mais diversas. A partir dos exemplos citados, percebemos aparições do duplo como um sócio da personagem, que de repente se faz perceber por ela, causando-lhe extrema inquietação, ou como uma alteração de ordem psíquica, uma mudança drástica de comportamento ocorrida na própria personagem.

O duplo, desta forma, origina-se necessariamente a partir de um indivíduo com o qual se identifica, adquirindo, no entanto, existência própria. Os traços de semelhanças são evidentes, mas nem sempre esse duplo goza de uma existência real, podendo ser apenas sugerido como fruto da imaginação de seu referencial (aqui entendido como o sujeito do qual se origina), inquietando-o. A característica de uma existência própria do duplo nesses últimos exemplos se justifica pelo poder que exerce sobre a personagem com ele confrontada, mesmo sendo fruto de uma imaginação aparentemente doentia.

Ao trazer exemplos acerca das possibilidades de identificação do duplo, seja em categorias de estudo psicanalítico ou literário, Sigmund Freud nos oferece as seguintes considerações a respeito da natureza indissociável do duplo em relação ao seu referencial:

[...] temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para o outro desses personagens – pelo que chamaríamos telepatia –, de modo que um possui conhecimento, sentimento e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes, através das diversas gerações que se sucedem. (FREUD, 1996, p.252)

O professor, escritor e tradutor Paulo Bezerra traz o seguinte comentário acerca do tema em Dostoievski, no ensaio **O laboratório do gênio**, que aparece como posfácio a **O duplo** (2012), obra que traduziu do russo para o português:

[...] a duplicidade é aquele estado de uma consciência na qual se alojam, convivem e dialogam coisas às vezes até diametralmente opostas ou antagônicas, pondo a

consciência do protagonista no movimento pendular entre aceitação e/ou recusa à consciência e ao julgamento do outro, numa atitude às vezes desesperada para afirmar a sua própria consciência. (BEZERRA, 2012, p.240)

Percebemos, através dessas leituras, que o ar sobrenatural impresso nos textos em que o duplo aparece como elemento principal facilita a sua associação imediata com o fantástico. Concordamos, nesse sentido, com as palavras da professora Cristina Martinho, em seu artigo **Articulações do duplo na literatura fantástica do século XIX**, quando estabelece que o duplo representa a dualidade em seu aspecto mais perplexo e sinistro (MARTINHO, 2011).

Perplexo, porque há um confronto inesperado com um **outro** no qual o indivíduo se vê **duplicado**. Sinistro, porque essa **duplicação** é capaz de imprimir no sujeito original a sensação de que ele existe num outro ponto no espaço, de uma forma que não pode controlar, sendo passível de representação pelo **outro** de si mesmo a qualquer momento, em qualquer lugar.

Desta forma, o evento do duplo, na abordagem considerada para esse estudo, coaduna-se com a proposta desenvolvida por Todorov a respeito do acontecimento fantástico, o qual acontecerá no mundo que conhecemos, no qual não existem seres de um mundo maravilhoso, mas que será abalado por um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis desse nosso mundo familiar (TODOROV, 2008).

O estranhamento provocado pelo duplo o configura, desta forma, como um dos temas do fantástico na literatura.

4 O retrato (como duplo) de Dorian Gray

Homem de beleza extraordinária, aos vinte anos Dorian Gray conhece e estabelece amizade com o pintor Basil Hallward, sobre quem exerce um fascínio quase mágico, e que oferece a Dorian a pintura de um retrato que, ele não sabia, arruinaria a sua vida. Esse é o mote inicial da história narrada em **O retrato de Dorian Gray**.

Na primeira parte deste trabalho fizemos referência à literatura fantástica, destacando, segundo as diversas teorias apontadas, a necessidade de uma tensão paralisante para que o fantástico se constitua, causada por um determinado evento sobrenatural descrito na obra literária. Essa tensão, como vimos, deve ser experienciada pela personagem, e pelo leitor, quando da experiência do texto.

Em **O retrato de Dorian Gray**, como por um passe de mágica inexplicável e diante da estupefação dos poucos que têm acesso à imagem assustadora, a tela pintada por Basil adquire vida própria e vai envelhecendo e sofrendo os efeitos das vilanias de Dorian, ao passo que este mantém intacto o vigor da juventude artisticamente representada.

Percebemos, assim, que o referido acontecimento encontra-se inserido nos critérios de determinação do fantástico, conforme o propusemos.

De que forma, no entanto, o retrato se apresentará a Dorian ao longo de sua existência? Qual é a relação que se estabelece entre eles, o real e a obra de arte, em convergência opressora de instintos desumanos que vão se revelando, opostos à beleza inspiradora da juventude? Como o retrato pode ser definido como o **duplo** de Dorian Gray de acordo com as teorias acenadas sobre o assunto anteriormente?

Percebemos, em **O retrato de Dorian Gray**, as marcas da genialidade de Oscar Wilde, ao trazer para o campo da narrativa a discussão sobre a efemeridade da vida, sobre o culto a valores estéticos. Como pano de fundo para essa discussão, Wilde utiliza o duplo, na forma como se constitui enquanto tema do fantástico na literatura.

O professor Jeová Mendonça, em seu estudo intitulado **A dança de Salomé: na literatura e**

nas artes (2007) acena para a presença recorrente do tema do duplo na obra de Oscar Wilde, com especial atenção a **O retrato de Dorian Gray**:

A produção literária de Oscar Wilde, embora não tão vasta, é abundante sobre o mito do duplo e o motivo dos espelhos: em “O retrato de Dorian Gray”, seu único romance e, possivelmente, a sua obra mais conhecida em todo o mundo, esse tema salta à vista desde o título. Nas peças escritas para o teatro, como “A importância de ser prudente”, e nos contos de fada, como “O aniversário da infanta” e “O pescador e sua alma”, entre outros, o tema, de uma forma ou de outra, está, intertextualmente, sempre diante dos nossos olhos. (MENDONÇA, 2007, p. 169, grifos do autor)

Vimos que o duplo oferece necessariamente um paradoxo entre o representante e o representado. Um paradoxo que se estabelece, tanto num nível físico, pela ocupação de um mesmo ente em dois lugares no espaço, quanto num nível abstrato, pelo sentimento experimentado pelo original ao perceber-se incapaz de qualquer interferência em sua cópia. Mesmo que esta só possa surgir a partir de sua própria existência, em certo momento ela acaba por adquirir vida própria, impassível de sofrer qualquer retaliação, o que causa, no original, terríveis reações emocionais. Vejamos, desta forma, as palavras do estudioso Keppler através de Assy (2011):

[...] o duplo é ao mesmo tempo idêntico ao original, e diferente, até mesmo o oposto, dele. É sempre figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo interior e exterior, está aqui e lá, é oposto e complementar), e provoca, no original, reações emocionais extremas. (KEPPLER *apud* ASSY, 2011)

Ao duplo, portanto, não se confere estatuto de personalidade. Sua natureza se define na medida das reações que provoca no sujeito **duplicado**, trazendo a este uma reflexão acerca das particularidades de sua própria existência. O fascínio que o duplo provoca, como vimos, não é motivo de tranquilidade para o sujeito referencial, ao contrário, provoca-lhe **reações emocionais extremas**, em geral pautadas no medo do **outro**, no estranhamento inevitável e na angústia de ver sua personalidade usurpada.

Em **O retrato de Dorian Gray**, o duplo, ou seja, o retrato, não se sobrepuja a Dorian como personalidade independente. Ao contrário, a angústia experimentada por Dorian, ao invés de residir no medo da usurpação da personalidade, reside na representação clara e cruel de uma personalidade perversa e doentia que, ao final, acaba se revelando mero reflexo de sua própria alma, e sobre o qual não tem qualquer controle. Abaixo, destacamos um trecho que reflete essa angústia por parte da personagem principal:

Seria certo que ninguém jamais poderia transformar-se? Então sentiu um ardente desejo de reaver a imaculada pureza de sua adolescência rósea e branca [...] Ah! que tremendo momento de orgulho e de paixão, aquele em que pedira que o retrato assumisse o peso de seus dias, enquanto ele próprio conservasse o esplendor impoluto da eterna mocidade! (WILDE, 2009, pp. 208-209)

Esses pensamentos ocorreriam a Dorian num momento já avançado do romance, em que ensaia um arrependimento face a todas as crueldades que praticou em sua vida. Ao longo da história percebemos, no entanto, que essa angústia facilmente se transmuta em prazer pela possibilidade de **omissão de pecados** ofertada pelo retrato. É quando Dorian revela a nós, leitores, a sua verdadeira face, o que pode ser observado na seguinte passagem:

Tomou-o uma sensação de dor, ao pensar na desagregação que experimentaria a sua bela face pintada na tela. [...]

Quem, entretanto, conhecendo a vida, hesitaria em manter a sorte de conservar-se sempre moço, por mais fantástica que tal sorte se manifestasse, e em arrostar as consequências que tal resolução produzisse?... Tudo isso, porém, dependeria da sua

vontade?

Essa substituição teria sido verdadeiramente produzida pela prece? Não haveria alguma razão científica capaz de explicá-la? Se o pensamento chegava a exercer uma influência no organismo vivo, essa influência não poderia estender-se às coisas mortas ou inorgânicas? [...] Por que aprofundar o caso? Ele teria, de resto, um verdadeiro prazer em observar essa transformação. Poderia acompanhar o seu espírito pelos pensamentos secretos; o retrato lhe seria o mais magnífico dos espelhos. Como já lhe havia revelado o próprio corpo, também lhe revelaria a própria alma. E quando sobre o mesmo quadro se exibissem os efeitos do inverno da vida, nele, seu modelo vivo, resplandeceria a trêmula auréola da primavera e do estio. Quando o sangue lhe viesse à face, deixando atrás uma máscara lívida de giz, ele guardaria o fulgor da adolescência. [...] Que poderia provocar em sua figura o que se verificava como reproduzido na tela? Ele estava salvo: tudo se resumia nisto!... (WILDE, 2009, pp.105-106)

E, mais claramente, em:

[...] punha-se em frente do retrato, achincalhando alternativamente sua reprodução e a si próprio, embora repleto, algumas vezes, desse orgulho individualista, que é uma semifascinação do pecado, e sorrindo com secreto prazer à sombra informe, suportadora do fardo que deveria ser seu. (WILDE, 2009, pp. 136-137)

Fica claro, desta forma, que Dorian estabelece uma relação de amor e ódio com o retrato símbolo de sua expiação. Como explicar esse sentimento de que gostaria de libertar-se do fardo da lembrança deste quadro, mas, ao mesmo tempo, regozija-se com a ocultação de suas fraquezas morais e de espírito?

Num estudo psicanalítico que tem fundamental importância para essa categoria de estudos literários, e ao qual já nos referimos anteriormente, Freud expõe a sua tese sobre o **estranho** ao afirmar que este faz parte do desenvolvimento de um processo mental de coisas familiares, que, por algum motivo se reprimem e retornam com resultados assustadores (FREUD, 1996).

Em **O retrato de Dorian Gray** não nos parece ser diferente: o que assusta Dorian não é a reconfiguração do quadro em si; não é o mero rearranjo de tintas e cores que lhe conferem novos contornos. O elemento aterrorizante, para Dorian, é o reflexo de sua própria alma na tela, é o contato paralisante com uma faceta terrível que, afinal, ele já conhece de si mesmo, que já lhe é familiar. Destacando o ensinamento de Freud, trazemos a explicação por ele ofertada sobre o porquê de o duplo acabar por se converter de algo familiar em objeto de terror, em **estranho**:

Após haver assim considerado a motivação “manifesta” da figura de um “duplo”, porém, temos que admitir que nada disso nos ajuda a compreender a sensação extraordinariamente intensa de algo estranho que permeia a concepção; e o nosso conhecimento dos processos mentais patológicos permite-nos acrescentar que nada, nesse material mais superficial, possa ser levado em conta na ânsia de defesa que levou o ego a projetar para fora aquele material, como algo estranho a si mesmo. Quando tudo está dito e feito, a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o “duplo” ser uma criação que data de um estádio mental muito primitivo, há muito superado – incidentalmente, um estádio em que o “duplo” tinha um aspecto mais amistoso. O “duplo” converte-se num objeto de terror, tal como após o colapso da religião, os deuses se transformam em demônios. (FREUD, 1996, pp.253-254, grifos do autor)

Não podemos nos afastar do entendimento de que o estudo de Freud está voltado para uma categoria de análise psicanalítica. A citação em questão, no entanto, pode ser transposta para um nível de análise literária e facilita o nosso entendimento acerca do objeto de estudo deste trabalho. Senão, vejamos.

Freud trata de projeções do duplo causadas por processos mentais patológicos, que levam ao desenvolvimento da qualidade de estranheza de algo que inicialmente era familiar e amistoso. Da mesma forma, o retrato transmuta-se, de representação fiel da beleza espetacular de Dorian, em **objeto de terror**, visto que passará a fazê-lo lembrar a cada dia, ainda que evite observá-lo, da realidade física que o esperaria e das crueldades cometidas a longo de sua vida.

Dorian, desta forma, não precisa encarar o retrato diariamente, nem mesmo regularmente, para que sua influência nefasta faça-se presente em sua vida, concretizando-se pela mera lembrança, pela simples aura aterrorizante que emana do cômodo fechado onde repousa, aparentemente inerte.

Em oposição ao pensamento inicialmente concebido por Dorian, de que o retrato o faria para sempre belo, dono de um infindável frescor de juventude, a simples existência do retrato toma conta de sua vida e vai se tornando, para nós, leitores, um prenúncio do fim. A esse respeito, destacamos aqui a seguinte citação de Freud, que traz a explicação do psicanalista Otto Rank, seu contemporâneo e um dos principais estudiosos da matéria, acerca do duplo:

O tema do “duplo” foi abordado de forma muito completa por Otto Rank (1914). Ele penetrou nas ligações que o “duplo” tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte; mas lança também um raio de luz sobre a surpreendente evolução da idéia. Originalmente, o “duplo” era uma segurança contra a destruição do ego, “enérgica negação do poder da morte”, como afirma Rank; e, provavelmente, a alma “imortal” foi o primeiro “duplo” do corpo. [...] O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais idéias, no entanto, brotaram do solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando esta etapa está superada, o “duplo” inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte. (FREUD, 1996, p.252, grifos do autor)

Concordando com a presente explanação, Cunha (2011) traz as seguintes considerações de Otto Rank acerca do duplo como fator inibidor da morte, em suas próprias palavras:

[...] a crença ancestral na morte está diretamente ligada à temática do duplo e ao desdobramento da personalidade, pois o duplo age como mecanismo privilegiado cuja função é inibir a morte do sujeito por ele representado. O duplo assume-se pois como um fator inibidor da morte do “eu”, e paralelamente, como um motor da sua longevidade e perenidade enquanto ser. (RANK *apud* CUNHA, 2011, grifo do autor)

Num desenvolvimento para o entendimento da morte como um reencontro consigo mesmo, conforme expusemos a partir de Freud na citação anterior, Cunha (2011) nos diz que “[...] a ilusão do duplo cedo se transforma num mecanismo astucioso cujo objetivo é o de enganar a morte do próprio sujeito”, acrescentando que “[...] a eliminação do duplo significará o retorno à forma original, ao real, à unicidade e, concomitantemente, o retorno à mortalidade”, na qual a morte surgirá “como um reencontro de si consigo mesmo, ele próprio” (CUNHA, 2011).

Perto do desfecho do romance, Dorian demonstra parecer arrependido de sua conduta vil ao longo da vida. Vejamos um trecho importante à compreensão do seu caráter:

Era a sua beleza que o havia perdido, essa beleza unida a essa mocidade, pelas quais ele tanto havia rogado. Sim, porque, sem essas duas coisas, sua vida poderia ter sido sem mácula. A beleza só lhe fora uma máscara e a mocidade uma burla.

[...] Em verdade não era a morte de Basil Hallward que o oprimia; era a morte viva de sua alma. [...]

Uma vida nova!... Eis o que Dorian desejava; eis o que esperava... Seguramente, ele já a havia iniciado! [...] quis saber se o retrato da câmara fechada experimentara

alguma alteração. Forçosamente, não devia estar tão repelente como havia sido. Talvez, se sua vida se purificava, ele chegasse a limpar do rosto da pintura todo estigma de má paixão! Talvez os estigmas do mal já houvessem desaparecido... Se ele fosse verificar?... (WILDE, 2009, pp. 209-210)

Ao entrar no aposento que guardava o objeto de toda a sua angústia, Dorian se surpreende com o que vê. Oscar Wilde nos traz um final brilhante para um enredo igualmente desenvolvido:

A não ser um novo brilho de astúcia nos olhos e o aumento das rugas da hipocrisia na boca, nenhuma transfiguração existia!... A figura estava ainda mais abominável do que antes; a nódoa escarlata que cobria a mão parecia ainda mais viva; aí percebia-se o sangue vertido de fresco... Dorian então estremeceu... Seria simplesmente a vaidade que provocara o seu bom ato recente, ou o desejo de uma nova sensação [...] com um riso de mofa? Ou essa necessidade de desempenhar um papel que nos faz produzir coisas mais belas que nós? Ou, talvez, tudo isso junto? [...] Vaidade? Curiosidade? Hipocrisia? Não haveria mais nada no seu renunciamento? Ele havia percebido qualquer coisa mais; ao menos, imaginava-o... Mas quem poderia dizê-lo? Não, não houvera mais nada... Por vaidade, ele a havia poupado; por hipocrisia, buscara a máscara da bondade; por curiosidade, havia ensaiado o renunciamento... Agora reconhecia bem tudo isso. (WILDE, 2009, p.211)

Tomado de raiva, Dorian decide pôr fim à sua expiação, destruindo o retrato. Essa ação resultará na sua própria morte, e no retorno à forma original, tanto para Dorian Gray, quanto para o quadro, que recupera a beleza e a qualidade enquanto obra de arte. É o triste reencontro de Dorian consigo mesmo. A **eliminação** do duplo resulta no seu retorno à mortalidade, no temido contato com a realidade mais terrível de sua existência: o envelhecimento, a crueldade, a solidão e a morte. Mais do que isso: a reafirmação do retrato como o cadinho de virtudes da mocidade que não voltará jamais.

Mais do que um belo exemplo em literatura fantástica, a partir de elementos sobrenaturais engrossados pela problematização em torno do duplo, a obra em questão é de fundamental importância para a nossa formação, como leitores de literatura e, acima de tudo, como seres humanos capazes de refletir sobre o bem e o mal que habitam dentro de cada um de nós.

Conclusão

Buscamos, ao longo do presente trabalho, oferecer alguns caminhos de compreensão do fantástico enquanto artifício literário capaz de provocar, no leitor e na personagem, uma tensão paralisante que coloca em prova as suas concepções do real e do absurdo. Mais especificamente, tratamos do fantástico em que predomina o tema do duplo, tomando como objeto de estudo o romance **O retrato de Dorian Gray**.

Vimos que Dorian, por motivos inexplicáveis, foi agraciado com a juventude eterna, com o mais autêntico frescor de sua adolescência pulsante, enquanto o retrato pintado por Basil seguirá sofrendo os efeitos físicos das crueldades praticadas por aquele. O absurdo da situação tanto no nível do texto, já que Dorian experimenta a estupefação diante do retrato, quanto no nível da realidade, para o leitor, nos permite afirmar que o evento narrado conta com a presença do estranhamento necessária à caracterização do fantástico, e por isso o exemplifica.

O tema do duplo pode ser observado na relação conflituosa que Dorian Gray estabelece com o retrato. Não pelo medo de que este o subtraia a autenticidade de sua personalidade, mas pela revelação constante dessa autenticidade: o verdadeiro Dorian, aquele que ninguém vê, o vilão assassino, frio e perverso que está impresso no retrato, não pode ser simplesmente ignorado pelo Dorian que exhibe uma beleza eterna. Por ser colocado face a face com suas torpezas, com o mais íntimo de sua alma é que Dorian termina por **destruir** o retrato numa tentativa inútil de se ver livre

de sua terrível influência e, assim, acaba por destruir a si próprio, devolvendo ao retrato a sua beleza original, eterna.

Percebemos que, nesse enredo, Oscar Wilde nos apresenta as discussões sobre a efemeridade da vida, sobre o culto a valores estéticos, sobre a hipocrisia da sociedade no qual estava inserido, dentre outros temas tão caros à sua obra, e que permanecem atuais até os dias de hoje.

Referências Bibliográficas

- 1] ASSY, Nájla. **O duplo na literatura: reflexão psicanalítica**. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/>>. Acesso em: 22 fev. 2011.
- 2] BEZERRA, Paulo. **O laboratório do gênio**. In: DOSTOIEVSKI, O duplo. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- 3] CORTÁZAR, Julio. **Do sentimento fantástico**. In: Valise de cronópio. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- 4] COSTA, Flávio Moreira da (org.). **Os melhores contos fantásticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 5] CUNHA, Carla. **Duplo**. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/>>. Acesso em: 04 abr. 2011.
- 6] FREUD, Sigmund. **O “estranho”**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- 7] MARTINHO, Cristina. **Articulações do duplo na literatura fantástica do século XIX**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-04.html>>. Acesso em: 22 fev. 2011.
- 8] MENDONÇA, Jeová. **A dança de Salomé: na literatura e nas artes**. João Pessoa. Idéia: 2007.
- 9] TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- 10] WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

i **Maria Ellem Souza MACIEL**, mestranda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI)
E-mail: ellemmaciel@gmail.com